

João Fernandes, 1998

ATRAVÉS DE...

TRANSPARÊNCIA E OPACIDADE NA OBRA DE ANA VIEIRA

«Na obra de Ana Vieira, a casa torna-se um lugar de passagem de olhar e da percepção sensorial. Neste sentido, trata-se de uma casa nómada, atravessada pelo cruzamento de continuidades e descontinuidades que baralham o que se poderia entender pelo seu “dentro” e pelo seu “fora”, que ora distinguem ora indistinguem os domínios do privado e do público, da intimidade e da revelação. A casa torna-se deste modo o território de uma cumplicidade partilhada com aquele que a visita, um segredo cujo conhecimento não lhe diminui o mistério mas acentua um jogo subtil de aproximações e distanciamentos que nela situam e marcam o percurso do visitante.

As obras de Ana Vieira são, desde o seu início, “atravessáveis” pelo olhar. Os contornos de figuras e de objectos que apresenta em 1968 não só desmaterializam os seus referentes pelo recortar da sua ausência na madeira branca, como igualmente revelam o espaço que por detrás deles se vislumbra, configurado pela memória da figura ou do objecto de que partem. A figura ou o objecto são assim o ponto de partida para o espaço, como se de cortinas, biombos ou janelas se constituíssem em limiares da dimensão outra que nos prometem.

Os ambientes em que Ana Vieira apresenta e representa os lugares de uma possível domesticidade teatralizam a intimidade sem lhe roubarem os seus segredos. As suas paredes (quando materializadas) convertem-se em pontos de passagem da opacidade à transparência, através dos tecidos, redes e véus que filtram, centram e descentram o olhar do espectador. Um conceito de tecido confunde-se com o conceito de casa, despertando as possibilidades textuais (igualmente tácteis e têxteis) das suas tramas domésticas.

O telão de teatro adivinha-se no resultado de uma intimidade cenografada, apenas partilhável a partir da cumplicidade e da curiosidade de quem com ela se defronta. Os paradigmas do tecido e da casa evocam Penélope nas suas possibilidades narrativas intuitivas mas jamais contadas. Não há “dentro” nem “fora” neste mobiliário do espaço. Os móveis, as nuvens ou outros objectos são tão relativos como as suas sombras pintadas: constituem-se enquanto cenários das suas associações compositivas e semânticas, convertem o espectador em sujeito e objecto da sua memória, situando-o enquanto personagem projectada de si mesmo. Por isso, as janelas e portas que muitas das obras de Ana Vieira apresentam não delimitam espaços mas configuram o atravessar do olhar, são espaços “entre”, como se não houvesse um antes e um depois no tempo e no lugar dos seus resíduos.

A ocultação e a desocultação implicam-se reciprocamente em cada projecto numa tensão entre o que é revelado e o que é escondido, como interstícios do desejo que o convertem no princípio da arquitectura de um mundo. Toda a obra de Ana Vieira transfere o plano da arquitectura para o plano da intimidade, distanciando-se do que no primeiro é monumento, narrativa da exterioridade e da ideologia, para se centrar no segundo, labirinto de sensações e percepções onde o desejo se intui como um segredo cumplicemente partilhado.

Recolher, reconstituir e apresentar um vasto conjunto de obras de Ana Vieira numa casa, tal como acontece nesta exposição em Serralves, ultrapassa o risco de uma redundância possível para suscitar a descoberta de uma meta-arquitectura do íntimo, emergindo como uma ironia subtil das pretensões modernistas do traçado original. A

exposição não só ocupa como envolve a casa: a abertura da casa ao jardim dá lugar à descoberta do jardim dentro da casa, as janelas convertem-se em paredes destas outras janelas e paisagens que redescobrem o lado de lá do espelho neste lado do qual não se torna necessário sair. Entre o estar e o viajar, o percurso do visitante reflecte-se e é reflectido, num exercício de uma imensa preguiça reveladora de outra tanta sabedoria.

“Aqui saberei descobrir” - escreve-se no chão da planta de uma casa. Entre a pele e o tecido, o chão e o tapete, a parede e a tela estende-se a camuflagem de um lugar, um jogo de escondidas, uma porta entreaberta. O visitante jamais chegará, nunca partirá. Andará sempre, através de um corredor, atravessará muros, objectos e figuras, por vezes hesitante entre a sua opacidade e transparência, andará sempre. Através de.»

Catálogo Ana Vieira, Porto, Fundação de Serralves, 1998, pp. 29-31

**Catálogo Ana Vieira: Muros de Abrigo / Shelter Walls; Ponta Delgada [Açores],
Museu Carlos Machado, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2010, pp. 213-214
(org. Paulo Pires do Vale)**
